

A EVOLUÇÃO URBANÍSTICA DE COIMBRA: DAS ORIGENS A 1940

Jorge de Alarcão*

Ao convite que nos foi dirigido para apresentarmos, neste colóquio, alguma comunicação de índole histórica sobre Coimbra, pensámos primeiro responder falando de Aeminium, isto é, da cidade romana. Pareceu-nos depois que o tema seria de reduzido interesse para os participantes deste simpósio. Não poderíamos, aliás, trazer novidades relativamente ao artigo que escrevemos em 1979 ("As origens de Coimbra", *Actas das I^{as} Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, 1979, pp. 23-40), excepto pela incorporação de algumas ideias de Vasco Mantas, todavia já divulgadas ("Notas sobre a estrutura urbana de Aeminium", *Biblos*, 68, 1992, pp. 487-513). Concebemos, por isso, projecto mais vasto: o de traçar, nas suas linhas gerais, a evolução urbanística da cidade desde as suas origens até 1940. O projecto é algo temerário pela vastidão do tema e pela limitação do tempo destinado à sua apresentação, mas talvez estimule historiador ou geógrafo, arquitecto ou urbanista a retomar o assunto e a aprofundar o que nós só de forma esquemática podemos aqui abordar.

Para a elaboração da nossa síntese utilizámos três plantas da cidade: a de 1845, a de 1873-74 e a planta que foi inserta no 3º volume do *Guia de Portugal* (1944), planta esta que supomos baseada na de 1934, com algumas eventuais actualizações. Servimos-nos ainda dos vários volumes publicados dos *Anais do Município de Coimbra* e da utilíssima monografia de José Pinto Loureiro, *Toponímia de Coimbra* (2 vols., Coimbra, 1964).

A topografia da cidade e o urbanismo romano

O morro onde a cidade se instalou tem a configuração de um ovo cujo eixo maior se orienta do poente para o lado do nascente. A norte, o morro desce íngreme sobre um vale que a Rua de Olímpio Nicolau Rui Fernandes e a Avenida de Sá da Bandeira hoje ocupam; por ele corria uma linha de água, no século XII chamada *Torrente dos Banhos Reais*. É que a corrente passava junto de uns banhos (de origem romana?) que ficavam situados no

lugar onde, no mesmo séc. XII, se ergueu o mosteiro de Santa Cruz. Seguiu a corrente depois por entre as actuais ruas da Louça e da Moeda.

A sul, a encosta é igualmente íngreme. Do lado do poente desce em patamares. Forma-se aqui uma curiosa angra que penetra fundo no morro e de certo modo lhe dá a configuração interna de uma ferradura. Numa das pontas (a meridional) instalou-se a alcáçova, sobre o que supomos ter sido um edifício de certo vulto já na época romana. Na outra ponta da ferradura, teriam os Romanos erguido o teatro da cidade. A hipótese é de Vasco Mantas, que vê na curvatura da rua das Flores um indício da *cavea*. Temos algumas dúvidas sobre a hipótese, que todavia se nos afigura digna de ponderação.

A sudeste, o relevo é menos vincado e temos aqui o mais fácil acesso da cidade, pela ladeira que o aqueduto de S. Sebastião acompanha. Por isso se instalou aqui o Castelo da cidade medieval, com sua porta, a do Sol.

O terço nascente do morro é nitidamente menos modelado que a parte ocidental e não teria sido difícil aos Romanos terem traçado aqui arruamentos ortogonais. Não poderemos, porém, garantir que seja romana a origem dos arruamentos da Alta que a Cidade Universitária obliterou. Não serão do séc. XVI?

O mesmo problema se põe relativamente ao grande eixo que atravessa de norte a sul a cidade, da Couraça dos Apóstolos à Couraça de Lisboa. As ruas de Sá de Miranda, de S. João e de S. Pedro correspondem a um eixo viário romano, o *cardo maximus* de Aeminium? Achamos isso provável, embora o Prof. Nogueira Gonçalves considere quinhentistas estas ruas.

A ocidente deste eixo, não cremos que os Romanos tenham tentado estabelecer qualquer traçado em xadrez. As ruas, hoje, acompanham as curvas de nível. Temos, a sul, a antiga Rua dos Militares, prolongada pela Couraça de Lisboa, à qual dá seguimento a Rua de Fernandes Tomás; para o interior, a Rua de Joaquim António de Aguiar; mais interno ainda, o percurso constituído pelas ruas da Trindade ou de José Falcão, de Guilherme Moreira e da Ilha. Esta última ligava-se à do Norte por uma viela tapada no séc. XVIII (a Rua do Miranda) e pela Rua de S. Miguel. A ligação transversal destes três circuitos fazia-se (e faz-se ainda) por vielas dobradas em cotovelos.

* Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

Creemos de origem romana estas ruas: nem invenção muçulmana nem traçado da Reconquista. Tão bem adaptadas ao relevo que sempre foram mantidas.

Um eixo, de nascente para poente, percorre a cidade a meio, desde a porta do castelo à porta da Almedina. De nascente para poente, temos primeiro um percurso em arco de círculo bastante largo. Era a Rua do Rego de Água. A Rua das Covas ou de Borges Carneiro é seguramente de origem romana, não só porque contorna o forum (instalado no local onde hoje se levanta o Museu Nacional de Machado de Castro), como por se ter achado nela uma larga cloaca romana. O eixo romano, com grande inclinação, descia depois por Quebra-Costas até à Porta de Almedina ou às suas imediações.

A norte deste eixo, de novo as ruas se dispõem em arco de círculo, acompanhando as curvas de nível: a Rua de Sobre-Ripas, a do Colégio Novo, continuada pela dos Coutinhos, a de João Jacinto, a da Boa Vista, a das Flores e, de certo modo ainda, a da Matemática. Mas temos aqui um eixo que claramente corre contra as curvas de nível: a Rua do Loureiro. Ana Paula Margarido considera que esta parte da cidade alta só foi ocupada na Baixa Idade Média. A nosso ver, a muralha medieval seguiu o percurso da romana, que passaria já pela actual Couraça dos Apóstolos. Temos todavia dúvidas sobre a cronologia da Rua do Loureiro: eixo romano ou rua medieval? Sentimos-nos inclinados a considerar romana esta via.

Assim o perímetro e os arruamentos da parte alta da cidade terão sido definidos pelos Romanos e ter-se-ão mantido na cidade visigótica e depois, na muçulmana.

O século XII

No séc. XII parece ter-se desenvolvido, fora da muralha, junto ao rio, o *arrabalde*. Mas antes de seguirmos por suas ruas estreitas, onde os mesteres se arregimentavam, examinemos primeiro a *almedina*, isto é o núcleo amuralhado.

O castelo, com sua torre de menagem construída por D. Afonso Henriques, erguia-se a nascente e protegia a Porta do Sol, uma das entradas da cidade. D. Sancho, no ano de 1198, mandaria erguer nele outra torre, poligonal: a Torre Quinária ou de Hércules. Daqui descia a muralha, com seus bastiões quadrados, até outra porta, a de Belcouce, ao fundo da actual Couraça de Lisboa. Entre as duas abria-se porta menor, com arco de ferradura: a da Traição ou de Genicoca.

No edifício do actual Governo Civil conserva-se ainda, até certa altura, uma outra torre pentagonal, mandada erguer por D. Sancho, mas já em 1209. Daqui, a muralha seguia direita à Porta de Almedina, para subir depois a Sobre-Ripas, à Torre de Anto e ao Colégio de

Santo Agostinho ou da Sapiência. Abriu-se neste ponto, no segundo terço do séc. XII, a Porta Nova, ao cimo da rua hoje chamada da Fonte Nova, para dar serventia ao Mosteiro de Santa Cruz. Subia a muralha depois pela Couraça dos Apóstolos, ia ao cunhal nordeste do edifício do Museu de História Natural e seguia para onde no séc. XVIII se havia de erguer o Laboratório Químico.

O séc. XII foi, para Coimbra, o da edificação dos grandes templos: a igreja de S. Pedro (erguida no tempo dos condes D. Henrique e D. Teresa), a de S. João de Almedina (já acabada em 1138), a Sé (iniciada na década de 60), as igrejas de S. Salvador e de S. Cristóvão (contemporâneas da Sé). Fora de muralhas ergueu-se o Mosteiro de Santa Cruz e refizeram-se as igrejas de S. Bartolomeu, S. Tiago e Santa Justa.

Extramuros, no triângulo limitado pelas actuais ruas de Corpo de Deus, de Visconde da Luz e de Martins de Carvalho, ficava a Judiaria; ou melhor, uma das Judiarias, pois parece ter havido outra para os lados da Rua Direita ou da Figueira Velha, em documentos do séc. XIII também chamada dos Caldeireiros. Os Mouros tinham seu bairro nas imediações da igreja de S. Cristóvão, numa área que um documento de 1280 exactamente refere como *maurariam*.

Os Franceses, que a cidade atraíra desde os tempos do conde D. Henrique, estabeleceram-se fora das muralhas, na rua que hoje se chama de Ferreira Borges e que em documentos dos séculos XII e XIII se denomina Rua dos Francos. Outro núcleo de Franceses ter-se-á estabelecido numa rua que vinha entestar com a Direita e que no séc. XIII se chamava dos Franceses (hoje, de João Cabreira).

A Rua dos Francos, com suas tendas, a que a documentação frequentemente alude, parece ter sido, desde sempre, uma artéria votada ao comércio. Outro espaço de mercado ficava na Aljazzaria, topónimo referido desde 1115 e correspondente, ao que parece, ao espaço a norte da Porta de Almedina, entre a Judiaria e a muralha.

O artesanato e o comércio concentraram-se, porém, na zona ribeirinha entre o Terreiro da Erva (nas imediações da igreja de Santa Justa) e o Largo da Portagem, zona conhecida pela designação de *arrabalde* e cuja ocupação poderá remontar pelo menos ao séc. XII. O desenvolvimento desta parte baixa da cidade é difícil de datar, porque a documentação é tardia: a Rua do Coruche (hoje, de Visconde de Luz) só aparece mencionada em 1204; a da Moeda, em 1220; a dos Caldeireiros (também chamada da Figueira Velha e actualmente Rua Direita), em 1232; a dos Tintureiros (hoje, da Louça), em 1262; a dos Taneiros (actualmente, de Adelino Veiga), em 1353; a de S. Gião (hoje, das Azeiteiras), em 1354; a das Solas, no séc. XVI.

As ruas que marcámos na nossa carta estão pois só atestadas (com excepção da dos Francos) a partir do séc. XIII; mas são provavelmente mais antigas. O que ignoramos é se outras ruas menores já então as ligariam; por outras palavras, não sabemos como nem quando se adensou o tecido urbano do Arrabalde.

O certo é terem-se reconstruído no séc. XII, como vimos, três igrejas no percurso da velha estrada romana: as de S. Bartolomeu, S. Tiago e Santa Justa. Afastado o perigo dos ataques da moirama, o comércio e os ofícios começaram a instalar-se nessa parte baixa, onde se arruaram: caldeireiros, com seus cobres e latões, na Rua Direita; talvez moleiros na Rua da Moeda; tintureiros na rua que primeiro se chamou precisamente dos Tintureiros, depois, de Tinge-Rodilhas e hoje, Rua da Loiça; sapateiros e curtidores na Rua das Solas, entre a Praça Velha e o Paço do Conde; fabricantes de tonéis e de vasilhame de madeira na Rua dos Tanoeiros; azeiteiros na Rua das Azeiteiras.

Vinham essas ruas até ao porto fluvial, que supomos situado entre o Arnado e o actual Largo das Ameias (ou Terreiro das Tanoarias). O porto, povoado de batéis e de faluas que subiam o Mondego, seria uma das áreas mais buliçosas da cidade.

A norte, nascente e sudeste da Almedina, tudo seriam campos. Da Porta do Sol supomos que sairia um caminho, primeiro ao longo do aqueduto, depois na linha da actual Alameda de Júlio Henriques, para as Alpen-duradas: era a estrada que se dirigia à Beira. Não sabemos se outra estrada, partida da Portagem e seguindo a Rua da Alegria, pela Arregaça e pela actual Rua do Brasil, não seria já então uma alternativa para o caminho da Beira; parece-nos provável.

A margem do rio, do lado da cidade, corria mais a norte; a porta da couraça que na gravura de Bráunio se representa com suas torres quadradas, junto ao rio, ficava em frente do actual restaurante D. Pedro, na Avenida Navarro. O caminho da Alegria para a Arregaça aparece aí claramente marcado.

Da Porta da Traição desceria para o rio uma azinhaga, menos importante porque não se transformaria nunca em eixo urbano, ao contrário dos dois outros que anteriormente mencionámos.

O século XIII

Na área de Vimarões, fundou D. Sancha, filha de D. Sancho I, nos inícios do séc. XIII, o mosteiro de Celas, origem de um burgo cuja história é mal conhecida, burgo ligado à cidade por azinhagas que só nos inícios do séc. XX seriam convertidas em verdadeiras ruas, edifi-

cadas: as de Augusto Rocha e Pedro Monteiro. Também nos inícios do séc. XIII se estabeleceram os franciscanos em Santo António dos Olivais, junto de uma capela dedicada a Santo Antão. A instalação foi, porém, precária, porque cerca de 1247 a ordem construiu seu mosteiro além da ponte. Não parece que a capela de Santo Antão, depois consagrada a Santo António, tenha dado nesta época origem a um burgo, cujo desenvolvimento será bem mais recente.

Em 1226, construiu-se no Arnado, isolado do Arrabalde, o mosteiro de S. Domingos.

O século XVI

Nos séculos XIV e XV, a cidade não parece ter conhecido desenvolvimento digno de registo, embora se não possa esquecer a reparação das muralhas no tempo de D. Fernando. Nem nela se construiu edifício digno de menção: o convento de Santa Clara-a-Velha, erguido nos inícios do séc. XIV, instalou-se na outra margem do rio.

A documentação do séc. XIV, de D. Dinis a D. Fernando, sugere mesmo um grande despovoamento da Almedina, onde seriam numerosas as casas abandonadas ou em ruínas. A Peste Negra de 1348 terá contribuído para esse abandono, pois um documento de 1361 fala de "casas que na mortividade se perderam". Maria Helena Coelho calcula que a população de Coimbra desceu de 6000 para 4000 habitantes. Mas terá também parte da população trocado a Almedina pelo Arrabalde? Não parece que este tenha crescido em extensão, para norte, no sentido do convento de S. Domingos; quando muito, poderá ter-se adensado o seu tecido.

Várias medidas régias não convenceram a população do Arrabalde a vir morar intramuros, apesar dos privilégios que tinham os moradores de Almedina.

No reinado de D. Manuel, reformou-se a ponte, fundou-se, na Praça Velha, o Hospital, remodelaram-se os paços da alcáçova e renovou-se o mosteiro de Santa Cruz. Nenhuma destas obras teve, porém, impacte urbanístico. A grande renovação veio com D. João III e com a transferência da Universidade para Coimbra.

Frei Brás de Braga, prior de Santa Cruz, mandou rasgar a Rua da Sofia, onde se instalaram a Inquisição (em edifícios que se começaram cerca de 1535, destinados a colégios e que depois foram remodelados para alojar o Santo Ofício), os colégios do Espírito Santo ou de S. Bernardo (1541), do Carmo (1543), da Graça (1543), de S. Boaventura e de S. Tomás (1546) e o convento novo de S. Domingos (1546). Comprida e larga, com os seus

monumentais edifícios, a Rua da Sofia ficou a mais digna das ruas da cidade.

Ainda que não possamos fazer demasiada fé na gravura de Bráunio, colhemos dela a impressão que o Arrabalde se mantinha sensivelmente nos mesmos limites, talvez mais adensado de construções. Desembocavam as ruas, frente ao rio, no que então já se chamava Rua da Madalena, sem construções do lado sul. O limite do Arrabalde, a norte, passava pelas ruas que depois se chamariam de João Cabreira e da Nogueira, a primeira das quais surge, como vimos, referida em 1223 com o nome da Rua dos Franceses. Ainda mais a setentrão, o convento de S. Domingos tornou-se, nos meados do século, uma ruína inabitável. Estava possivelmente já configurada a Praça Velha, onde D. Manuel mandou erguer o Hospital a que já nos referimos. Existiam seguramente a Rua de Eduardo Coelho (em documento de 1492 chamada dos Pintadores) e a Rua do Corvo (designada dos Pintores em 1497); mas estas ruas, ainda que só atestadas nos fins do séc. XV, são provavelmente mais antigas. Entre a Portagem e a Rua de Ferreira Borges (então chamada Calçada), havia um arco com duas torres, que a gravura de Bráunio representa. Haveria já casario do lado de fora da muralha, ao longo da Calçada.

Do edifício da Inquisição partia a Rua de Montarroio, que também na gravura de Bráunio se observa. Ia entroncar na azinhaga que subia para a Conchada, azinhaga que, a nascente da Horta dos Cruzios, se ligava à rua ou caminho de Entre Muros. Corria este pelo chamado Vale de Ribela, desde a Porta Nova até ao actual Largo de S. Sebastião, donde irradiavam o caminho para a Alta, ao longo do aqueduto, a azinhaga para Celas e o caminho que, ao longo do futuro Jardim Botânico, descia às Alpenduradas.

Fora da área amuralhada construíram-se, ainda no séc. XVI, as grandes massas monumentais dos colégios de S. Bento e de Tomar. O primeiro foi edificado no último terço do séc. XVI e ficou com uma vastíssima cerca que vinha até ao rio. O terreno onde hoje se acha o parque de estacionamento ao fundo do Parque da Cidade veio até aos nossos dias conhecido pelo nome de Ínsua dos Bentos. A mancha verde da cerca dos Bentos nunca foi, felizmente, edificada, nem depois da extinção das ordens religiosas.

O Colégio de Tomar, destruído nos fins do séc. XIX para no mesmo local se instalar a Penitenciária, foi construído a partir de 1560.

Na Almedina edificaram-se os colégios de S. Pedro (1574), de S. Paulo (1550), da Trindade (1562), dos Jerónimos (1565), das Artes (1568) e de Santo Agostinho ou da Sapiência (1593). A cidade, de cujo modesto

casario, até então, só se salientavam o castelo, a alcáçova, o paço do bispo e as igrejas, ficou agora enobrecida com grandes massas.

Deve ter sido grande, porém, o crescimento do casario intramuros a partir de 1537. Em 1527, a Almedina tinha 370 fogos, não contando os dos clérigos, e o Arrabalde, 839, o que dá, para a primeira, cerca de 1500 habitantes (não contando, repetimos, os clérigos) e, para a segunda, cerca de 3500. Contando os clérigos que viveriam na Almedina, António de Oliveira calcula que só 37% da população vivia intramuros.

Com a transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra, em 1537, o crescimento populacional foi explosivo: em 1560 Coimbra tinha 10.000 a 12.000 habitantes. Quer dizer: em menos de 25 anos, a população da cidade duplicou. É fácil imaginar que, para além dos colégios universitários, muitas moradas foram, ou de novo erguidas, ou reedificadas, do que, aliás, na documentação se encontra eco. Se bem que o adensamento do tecido urbano do Arrabalde e o crescimento dos núcleos de Santa Clara e de Celas (o qual, em 1608, passava de 90 fogos) possam ter absorvido parte da população, cremos que foi sobretudo na antiga Almedina que o crescimento populacional se verificou.

O século XVII

A cidade não parece ter sofrido alterações sensíveis no séc. XVII, para além da edificação de um dos seus maiores conjuntos arquitectónicos: o Colégio dos Jesuítas, com seu templo - a Sé Nova. A área tinha sido adquirida por D. João III com o propósito de a renovar urbanisticamente, demolindo, abrindo novas ruas, erguendo residências para estudantes. Mas, mudando de propósitos, o rei fez doação da área aos padres da Companhia, que lançaram a primeira pedra do Colégio em 1547. A construção foi demorada e só no séc. XVII se terminou.

Ainda no séc. XVII foram edificados o Colégio dos Militares (1615), ao que parece, à custa do castelo, então parcialmente demolido, o de Santo António da Pedreira (1602) e o dos Lóios (1631). Fora de portas construíram-se o Colégio de S. José dos Marianos (1606), hoje Hospital Militar e o convento de Santo Agostinho de Santana (1600).

O século XVIII

Na zona a nascente e sudeste da cidade surgiram no século XVIII dois novos edifícios: o Seminário (concluído em 1765) e o Convento de Santa Teresa (acabado em

1744). Instalou-se ainda, à custa da cerca dos Bentos, o Jardim Botânico.

Na cidade instalaram-se o Laboratório Químico e os colégios de Santa Rita (Palácio dos Grilos) (1755) e de Santo António da Estrela (1715). E não podemos esquecer, pelo seu impacto no perfil da cidade, a construção da torre com que D. João V enobreceu a Universidade.

No extremo noroeste ergueu-se a igreja de Santa Justa (1710), em substituição da antiga, abandonada.

O século XIX

A planta de Coimbra levantada em 1845 mostra que, a norte, a parte baixa da cidade não se estendia para além das ruas dos Oleiros (em 1890 alargada e chamada Avenida dos Oleiros), de João Cabreira e da Nogueira. A Rua de João Cabreira, como vimos, existia já em 1223 com o nome de Rua dos Franceses. O limite noroeste do que, na Idade Média, se chamava Arrabalde manteve-se, pois, constante durante mais de 600 anos. O espaço entre o Cais das Olarias e o Porto de Santa Justa, do lado do rio, e a Rua Direita, era constituído por campos. Uma azinhaga ligava aquele porto à Rua da Sofia. Por ela viria a traçar-se, mais tarde, a Rua de João Augusto Machado.

A Rua Direita ia desembocar num largo, o do Arnado, donde uma azinhaga partia para norte, prefigurando a actual Avenida de Fernão de Magalhães. A Rua da Sofia era prolongada pela Rua de Fora de Portas, hoje, da Figueira da Foz. Em 1845 havia já, ao longo desta rua, algumas construções.

Entre 1845 e 1873-1874 construíram-se, nesta parte baixa e norte da cidade, a Fábrica do Gás (1856) e a Praça de Touros.

Também no mesmo período (concretamente, em 1860) se instalou o Cemitério da Conchada, servido pela velha azinhaga que corresponde às actuais Rua de Saragoça e Alameda da Conchada.

A Rua Ocidental de Montarroio, que já existia, como vimos, pelo menos no séc. XVI, era, em 1845, continuada para nascente pela actual Rua de António de Vasconcelos, que conduzia a uma vasta exploração de cal, com seu forno, representada na planta de 1873-1874.

Em 1867 construiu-se o mercado, nos terrenos da antiga horta de Santa Cruz. Tinha acesso, a partir de Sansão (Praça 8 de Maio), pelo caminho que viria a ser depois a Rua de Olímpio Nicolau Rui Fernandes e, a partir da Alta, pela rua da Fonte Nova. Entre o mosteiro e o mercado, um velho edifício crúzio foi convertido em estação dos correios e instalaram-se aqui também as repartições de obras públicas.

Outra obra importante, já concluída em 1873-1874, como a planta destes anos claramente mostra, foi o

paredão na margem norte do rio. Veio, a sul, até à Ínsua dos Bentos; mas não conseguimos apurar com segurança até onde é que se estendeu, do lado norte.

A nova obra do cais permitiu lançar um novo arruamento - a Avenida Navarro - que ligava directamente a Portagem à Estrada da Beira. Assim se gerou um passeio público cujo projecto de ajardinamento (Parque Dr. Manuel Braga) parece datar só de 1924. Da Portagem ao Largo das Ameias continuava a Avenida Navarro, que, em 1873-1874, era uma larga zona arborizada ainda sem construções do lado sul da Rua da Sota.

Entre 1873-1875 edificou-se, sensivelmente no local da antiga, uma nova ponte.

Em 1884 e 1885 instalou-se o ramal da Estação Velha à Estação Nova e construiu-se um edifício provisório para esta última estação.

Por volta de 1888 realizou-se um dos melhores projectos urbanísticos que Coimbra jamais conheceu: o arranjo do bairro de Santa Cruz.

Em 1885, a Câmara Municipal comprou a quinta do mosteiro crúzio. Projectaram-se então a Avenida de Sá da Bandeira, a Praça da República (chamada de D. Luís) e as ruas de Lourenço de Almeida Azevedo, do Tenente Valadim, de Oliveira Matos, de Castro Matoso, de Alexandre Herculano, de Venâncio Rodrigues, de Almeida Garrett e de Tomar. Decidiu-se manter uma ampla zona verde: o Parque de Santa Cruz. Subsistia a velha azinhaga que vinha de Celas ao Largo de S. Sebastião, passando por Santana.

Os novos arruamentos foram inaugurados em 17.12.1888, data do baptizado do Infante D. Manuel, futuro D. Manuel II, se bem que em 1895 ainda decorressem neles trabalhos de terraplanagem, calcetamento, valetas e passeios.

O Teatro-Circo do Príncipe Real, depois Teatro Avenida, foi construído em 1891-1892. Nestes mesmos anos se construíram as Escadas do Liceu, que davam acesso da Rua de Oliveira Matos à Ladeira do Castelo. Em 1894 estava concluída a Penitenciária, no local onde havia sido o Colégio de Tomar. Os terrenos onde hoje se erguem os edifícios da Associação Académica foram reservados para a construção da Escola Industrial, mas o projecto não teve concretização.

Em 1899 abriu-se a rua que hoje se chama do Padre António Vieira. O troço da antiga Rua de Entre-Muros que ficou a ligá-la à rua de Castro Matoso só foi tapado em 1934.

O século XX

A cidade conheceu, nos primeiros quarenta anos deste século, quatro zonas de expansão: a encosta de Montes

Claros sobre a Avenida de Sá de Bandeira e a Rua de Lourenço de Almeida Azevedo; a zona da Cumeada (com o Penedo da Saudade); a área de S. José; e a zona norte da parte baixa.

Em 1902, a Câmara Municipal mandou levantar a planta de uma rua que ligasse a Conchada à Cruz de Celas, aproveitando velho caminho: seria a Rua de António José de Almeida. Em 1903 abriu-se a Rua de Antero de Quental; em 1925, a Rua Augusta; em 1927 aprovaram-se os traçados das ruas de Guerra Junqueiro e de Augusto Rocha.

No primeiro terço deste século urbanizou-se também a zona entre a Cumeada e a Rua de Pedro Monteiro. Esta última, seguindo o velho caminho de Celas, recebeu nome novo em 1904 mas ainda em 1927 era o seu traçado objecto de rectificação.

Em 1910 estava já projectada, também seguindo velho caminho, a Avenida do Dr. Dias da Silva. Em 1916 abriu-se a Avenida de Marnoco e Sousa, sobre a antiga Azinhaga do Penedo. Assim se estabeleceu a ligação entre a Alameda de Júlio Henriques e Santo António dos Olivais, definindo, a nascente da cidade, uma vasta área cujo projecto de arruamentos data de 1927. A zona foi sendo progressivamente construída: o projecto do Liceu de D. João III (hoje, de José Falcão), um dos primeiros edifícios que se ergueram na Avenida de D. Afonso Henriques, data de 1933.

A terceira zona de expansão nos primeiros quarenta anos do séc. XX foi a área entre a Rua dos Combatentes da Grande Guerra e a Estrada da Beira, hoje Rua do Brasil. A planta de Coimbra publicada no 3º volume do *Guia de Portugal* (1944) mostra a margem sul da Estrada da Beira já bastante povoada; mas a margem norte desta artéria e a Rua dos Combatentes tinham grandes espaços vazios que a pouco e pouco se foram povoando. Em 1920 pavimentava-se a Rua dos Combatentes, na qual foi instalada, em 1929, a linha de carros eléctricos. A comunicação entre a Rua dos Combatentes e a Estrada da Beira só foi aberta em 1935.

Finalmente, e no que respeita à parte baixa da cidade, não encontramos elementos seguros para datar o prolongamento da Rua da Madalena desde a Rua de João Cabreira até ao Arnado. Este prolongamento é seguramente posterior a 1873-1874; mas datará ainda do último quartel do século XIX, ou será já do séc. XX? De qualquer forma, em 1927 ainda se faziam expropriações para regularizar a rua e em 1932 aprovava-se o traçado definitivo. A Avenida de Fernão de Magalhães vem hoje até ao Largo das Ameias; mas ainda nos anos 40 se chamava Rua da Madalena o troço entre o Largo das Ameias e o Arnado. A planta inserta no *Guia de Portugal* dá nome de Avenida de Fernão de Magalhães apenas à larga artéria que se desenvolve do Arnado para norte, artéria cuja abertura, estudada em 1920, foi demorada pelas expropriações que exigiu; a sua construção parece ter decorrido entre 1925 e 1940.

A Rua de João Augusto Machado, que a planta de 1873-1874 já mostra rasgada, aliás no alinhamento de uma mais antiga azinhaga que na planta de 1845 se representa, foi calcetada (no troço entre o Arnado e a Rua da Sofia) em 1895. Mas as ruas do Dr. Manuel Rodrigues, de João de Ruão, de Rosa Falcão e de Mário Pais datam dos anos 20 a 40: em 1939 ainda decorriam expropriações para a abertura da Rua de João de Ruão.

O edifício actual da Estação Nova foi projectado em 1923 e concluído, ao que supomos, em 1930. Algumas das fábricas que se instalaram entre a Rua da Madalena e o ramal do caminho de ferro até à Estação Nova datam deste período: pelo menos a Sociedade de Mercarias, antecessora da Triunfo (1913) e a Ideal, Lda/ Fábrica de Malhas (1927).

Foi ainda no mesmo período que se edificaram, na Portagem, o Banco de Portugal (1912, projecto de Adães Bermudes) e o Hotel Astória (1926).

Assim era a cidade nos inícios dos anos 40. Deixo a outros, mais habilitados, o encargo de traçarem a evolução dela nos mais de cinquenta anos que desde então decorreram.

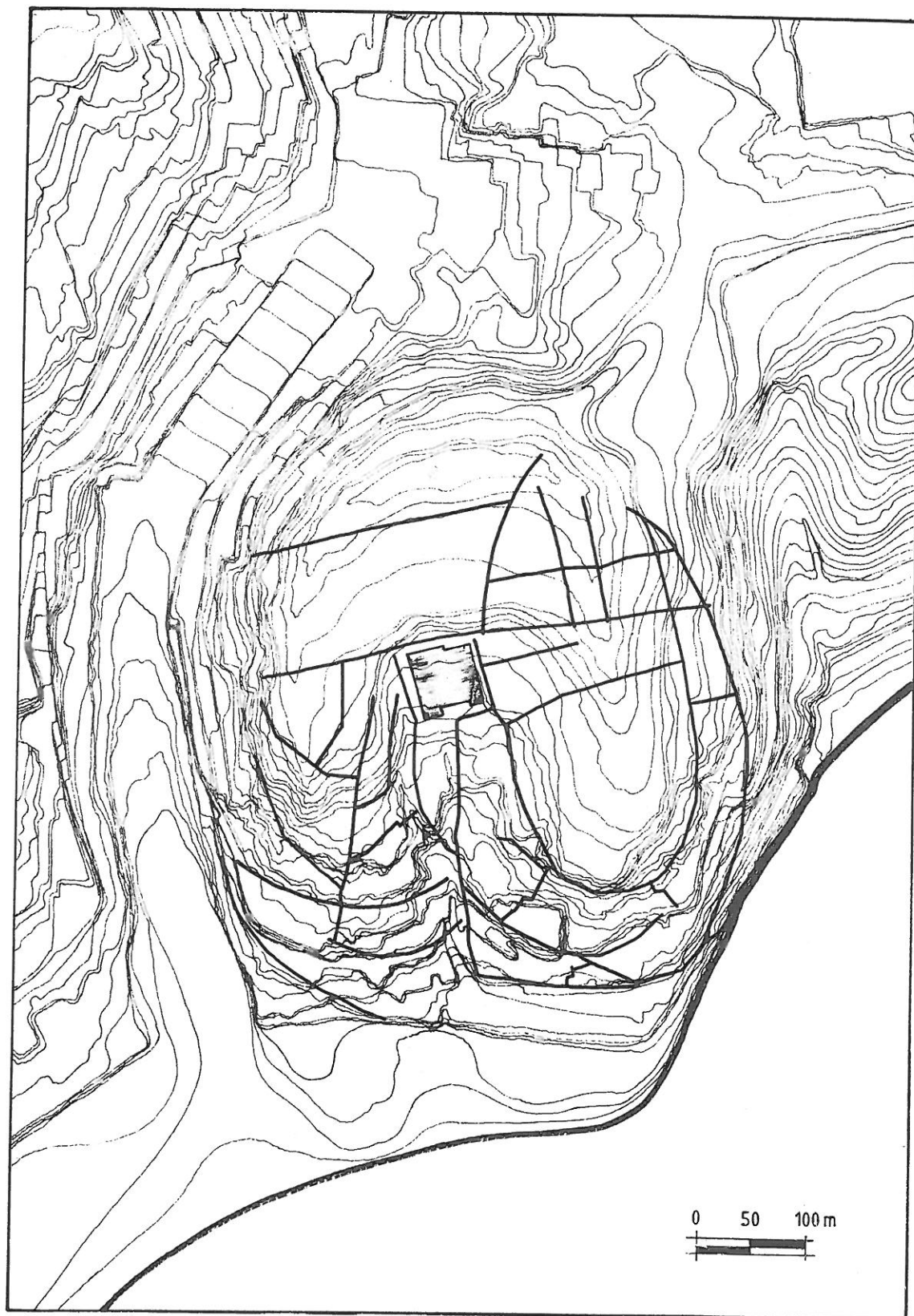
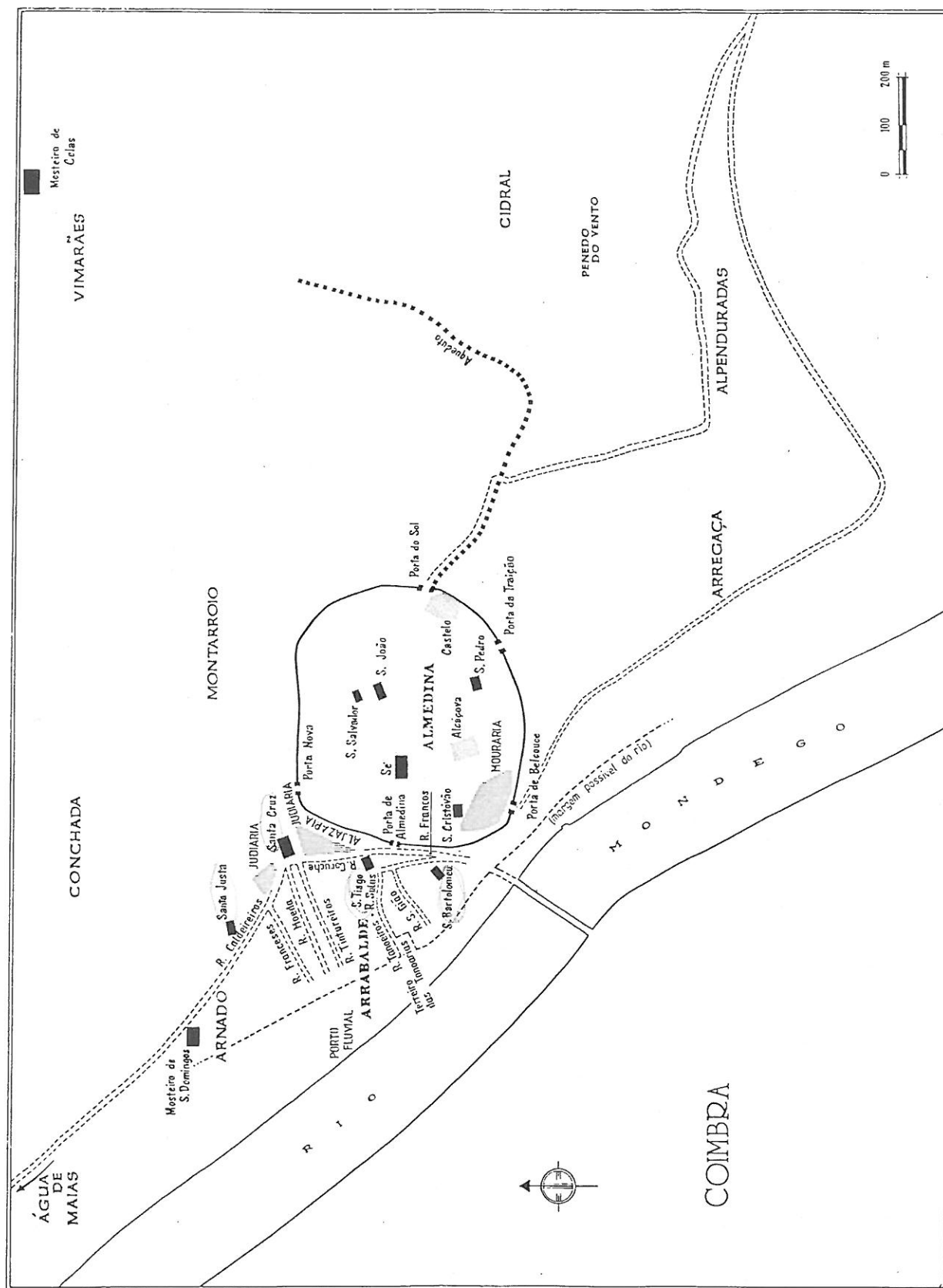


Fig. 1 - Esquema dos arruamentos da Alta sobre esboço topográfico da Arq.^a Paula Petia



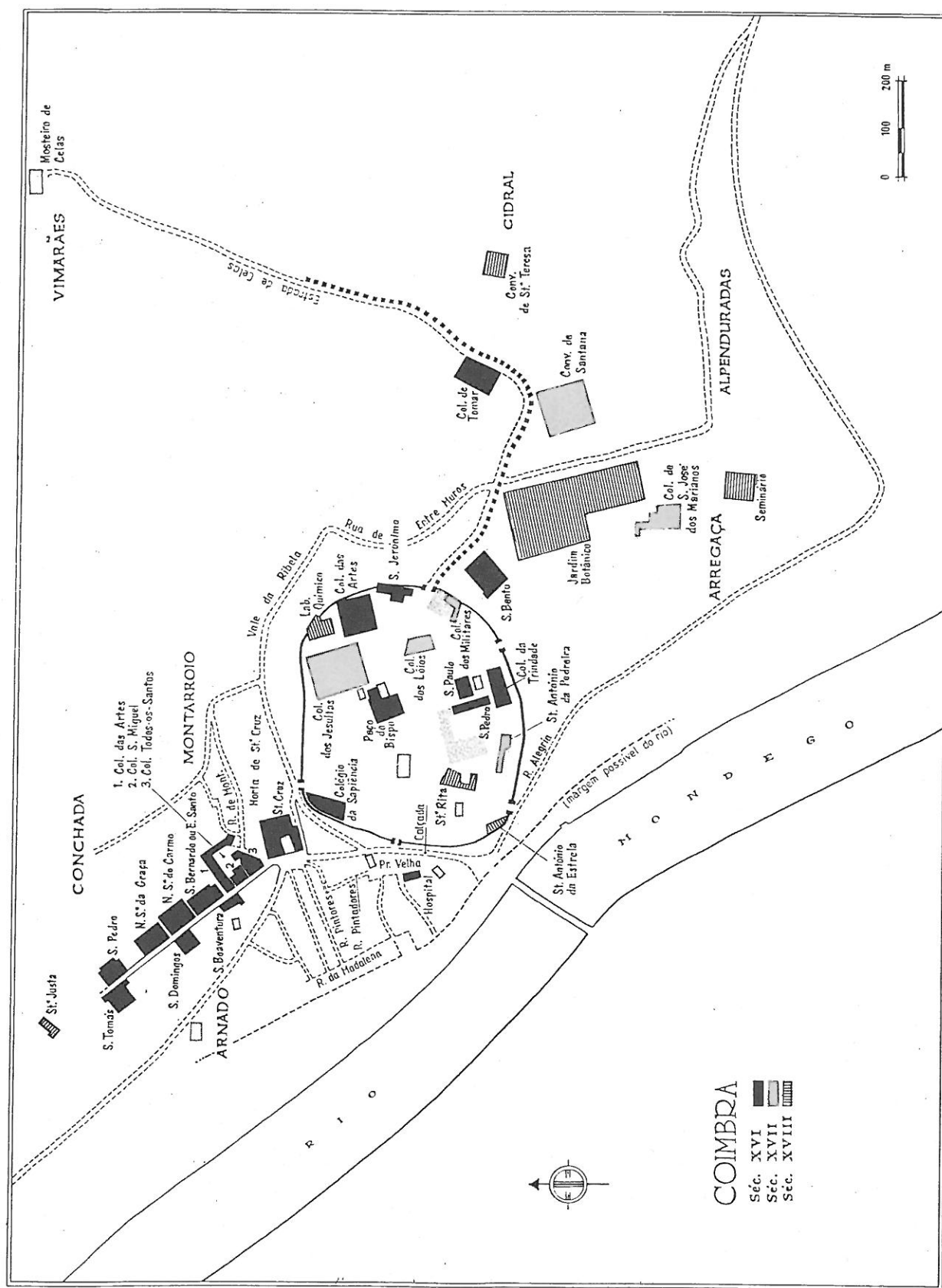


Fig. 3 - Coimbra entre os séculos XVI e XVIII

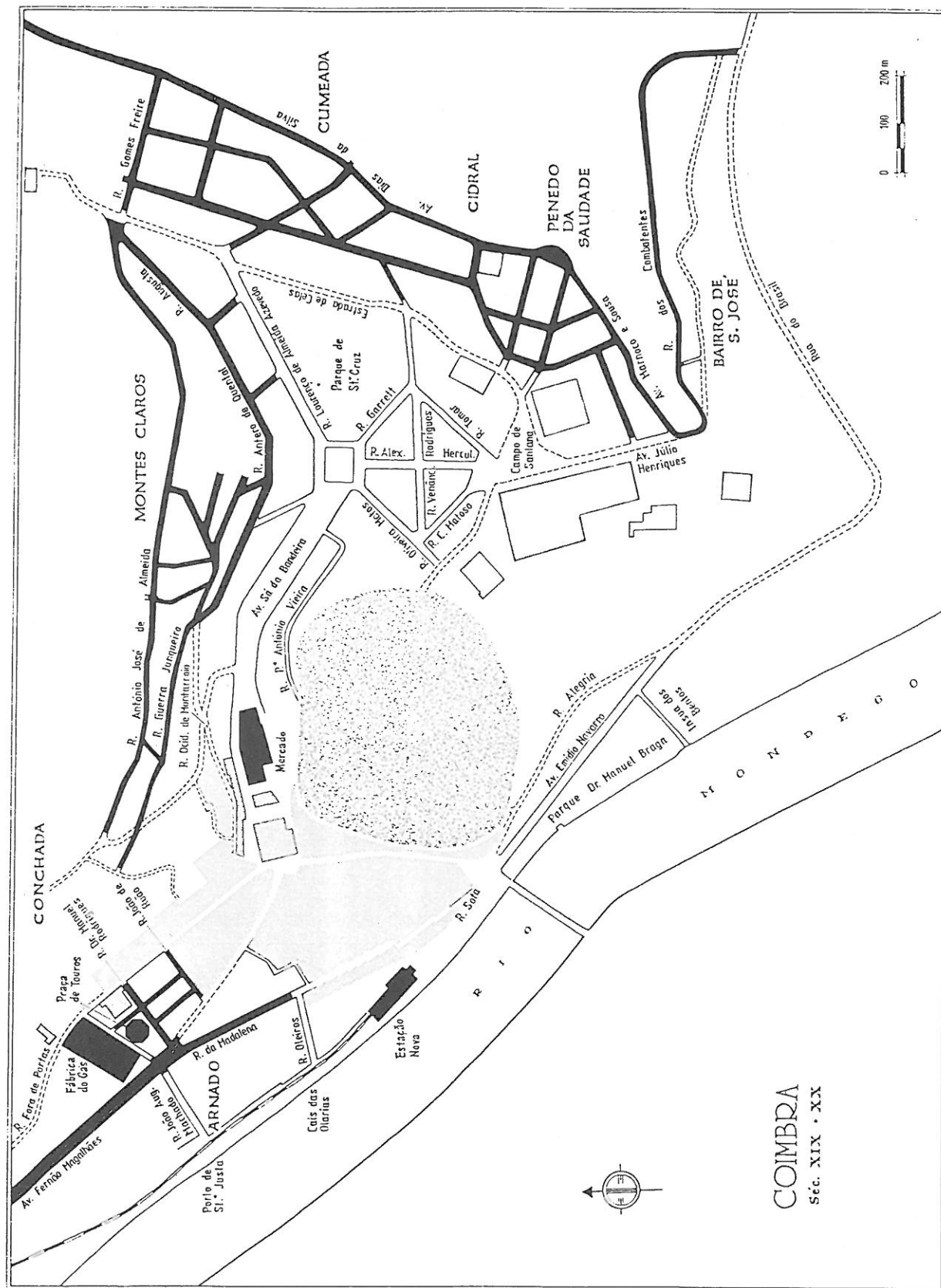


Fig. 4 - Coimbra dos fins do séc. XIX à década de 1940